

Crônicas

impressões sobre a
PANDEMIA

Andreia Donadon Leal





Andreia Donadon Leal

Impressões sobre a pandemia
crônicas

ALDRAVA LETRAS E ARTES
2021



Impressões sobre a pandemia

(Crônicas)

ALDRAVA LETRAS E ARTES

2020

Copyright – Andreia Donadon Leal - Aldrava Letras e Artes -2021

Direitos reservados à Andreia Donadon Leal e à Aldrava Letras e Artes. Reprodução autorizada desta obra, desde que citada a fonte.

Capa: Deia Leal

Projeto Gráfico: Gabriel Bicalho

Diagramação: Gabriel Bicalho

Revisão: J.B.Donadon-Leal

LEAL, Andreia Donadon

Crônicas – Impressões sobre a pandemia

Aldrava Letras e Artes; Mariana – MG; 2020;

1ª Edição; .

ISBN:

1. Crônica Brasileira
2. Literatura Brasileira

CDD 869.93

Depósito Legal na Biblioteca Nacional, conforme legislação em vigor. Tiragem: 500 Exemplares.

EDITORA ALDRAVA LETRAS E ARTES

Rua São Gonçalo, 123

Bairro: São Gonçalo.

CEP: 35420.000 = Mariana – MG

www.jornalaldrava.com.br

Dedicatória

À memória das vítimas da COVID-19

... Perfeição, quiçá na arte. Ei-la repleta de graça em sua inominável definição: LIBERDADE DE EXPRESSÃO. Nasce arte, faz-se poesia, prosa despida de impurezas e efeitos colaterais. Arte é estado de êxtase, que nenhum entorpecente tem o poder ou a fórmula de levar o sujeito ao esplendor da felicidade e da salvação. O estado de graça de que falo é este, sagrado, passageiro, átimo de segundos; ainda bem que breve, leve, puro. (Andreia Donadon Leal)

Impressões sobre a pandemia

expressa pontos de vistas, dúvidas, angústias, experiências e elucubrações sobre a pandemia e outras situações banais.

Indicado para jovens, adolescentes, adultos e idosos que desejam reler situações experienciadas ou não, numa ótica de textos literários breves extraídos do cotidiano.

As linhas do meu coração têm perfume!

Dia chuvoso, frio; ora na estiagem, ora nublado. Esfria, esquentando. Difícil não ver ternura na divergência do tempo, no compartilhamento da inutilidade aparente dos móveis. Há ternura no desabafo textual alinhavado por letras, palavras e orações na carta envelhecida do adolescente. Perco-me na fala poética do autista. Volto o vídeo, repetidas vezes. “Sou péssimo de coordenação motora, mas muito inteligente”. Oro por ele e por nós de noite a noite, às vezes, perdida no condicionamento repetitivo da prece: senhor, tende piedade de nós; nos livre deste buraco negro! Inspiro um pouco de mofo, tédio e desordem de ideias. A inutilidade dos jogos de tintas nas telas me comove profundamente. Sem tecnicismo, a arte se faz livre no descumprimento do figurino. Vozes ao longe, gritadas, incompreensíveis, lembram-me a musicalidade simbolista das ‘vozes veladas, veludas vozes’. Transpiro com frequência.

Envelheci hoje, porque ontem não tive tempo de notar as primeiras rugas. Não me restringi ao rosto nem à pele. Eu deveria ter outras coleções de brinquedos quebrados; ter cumprido dietas ao avesso, sabotado planos milimetricamente engendrados...

O vento é fluxo sem destino, vagando entre gretas da casa. A musicalidade do silêncio tem sinais sonoros em emoções. Faço sessões de terapia dialogando com pássaros e osgas. A música ao longe me toma a atenção. Perco-me nos acordes afinados e desafinados. Sempre me encantei com a amizade fraterna das cadeiras com as toalhas de banho. Abajur sem luz toma brilho do porta-retrato vazio e sujo. Conferencio com o silêncio que me corta. Sou ponto minúsculo navegando distâncias invisíveis. Conspiro com janelas e portas, nosso confinamento diário. As cortinas compreendem o juramento de 'até que a doença nos afaste do êxtase da convivência'. Dói-me a consciência lembrar da

cadeira de balanço quebrada! De ter feito absolutamente nada para devolver-lhe o status quo. Minhas meias foram colocadas na fronha do travesseiro, para aquecer meus sonhos noturnos. Sonhar acordada advém da arte de: liberta-se do automatismo insano. Desabafos e segredos sempre foram guardados por trincos, chaves e portas. Eles nunca me delataram. Aparto dores com emplastros de folhas de chá de poesia. As aflições do ser humano são minhas aflições compartilhadas. Nunca neguei que me alimento de doses de brisa e irracionalidade para fazer poesia. Que razão há nos meus versos? Que razão maior há em não ter motivo para existir? Que razão mais armada e amada há de ser absolutamente ternura na inutilidade aparente dos móveis cobertos de poeira, na carta velha do adolescente apaixonado, de sentir cheiro do sol, da nuvem; de colocar meias na fronha do travesseiro para aquecer os sonhos? As linhas do meu coração têm perfume.

Resignação

O tom da prosa não é de louvor à sabedoria, mas de resignação. Caixões ocupam quarteirões na Itália e na Espanha. O mundo desenvolve conceitos de isolamento social, para salvar vidas. Isolamento sem dessocialização. Socialização sem encontros. Afeto sem toque. Sublimação da proteção, abrindo mão das comemorações festivas. Crise, histeria, desemprego, tematizam pronunciamentos oficiais. Faz frio, faz calor. Chove, estia. Um senhor de oitenta sai de casa e caminha na sua pequena rua vazia. Lavar as mãos com água e sabão, compulsivamente. Lá vai o idoso, se escondendo dos filhos, no beco. Aproveito para respirar ao ar livre, enquanto espero no portão o motoboy que vem me entregar dois galões de água. Tropeço na porta de casa. Cumprimento vizinho de longe. Confinamento e cooperação. Isolamento sem dessocialização. Contaminação em massa ouço do correspondente de Nova York. Mais mortes, mais

infectados e mais desespero. Erguem-se hospitais de campanha. Hospitais do interior não têm aparelhos de respiração. Homens, mulheres e animais domésticos em isolamento. Sistema de saúde em colapso. Na caixa do correio um bilhete diz: “Não podemos visitar sua casa nesse momento de isolamento social. Precisamos que você faça nossa parte no combate ao mosquito da dengue. Já temos mais de 30 mil casos de dengue em Minas Gerais neste ano. Dengue também mata!” Caminhão recolhe lixo. Abro a porta da varanda e lá de cima vejo um gato preto caminhando no passeio. Pássaros voam e pousam no emaranhado de fios entre postes. Por que tantos fios? Entro, fecho a porta. Liberta na minha clausura, pego pincéis, tintas e tela. Magenta macula alvo pano de algodão. Recrio lista de afazeres. Redes sociais: aliadas. Arte: salvação. O idoso que não ficou só na sua pequena rua retorna para casa no carro da polícia, feliz da vida com a atenção das autoridades. Digo a ele para não sair. Ele me responde com um gesto obscuro. Amanhã ele arruma um jeito de ludibriar de

novo o filho. Mas simples e seguro é ficar trancado na caverna na esperança de que aquela luz distante seja a indicação de uma saída que nos leve de volta ao mundo real, solenemente ignorado. Mito puro mesmo vive a criança que diz: tia, vamos ficar aqui dentro, bem escondidas, que o vírus não nos acha!

**Publicado no Jornal Estado de Minas –
01/04/2020**

Para quem escrevo

Escrevo para aquela pessoa que anda de muletas pelas ruas e não se esmorece com o calor escaldante do verão. Escrevo para aquela senhora que leva água na bandeja para o grupo atendido pelo Projeto 'Apoio'. Escrevo para os belos vasos de flores colocados nos passeios da rua e nas colunas na banca da Floricultura, e para o jovem que empurra o carrinho repleto de compras morro acima, com largo sorriso no rosto. Escrevo para os trabalhadores de construção do prédio, sentados na sombra de árvore, abrindo suas marmitas de comida, e para o vendedor de churros recheados, que anuncia cerimoniosamente as delícias de seu produto. Escrevo para o vendedor de suco de frutas de limão e maracujá por apenas 1,00, e para a equipe do Disque Cidadania LGBT. Escrevo para os pedestres que caminham pelos Mercados Populares, param e dão atenção aos vendedores em suas barracas de

comida, roupas, brinquedos e CDs, e para os meninos que engraxam com talento e rapidez invejáveis, sapatos de homens engravatados e apressados. Escrevo para os meninos que vendem balas e água de manhãzinha nos sinais de trânsito, e caminham à tarde para a escola com vontade de aprender. Escrevo para as crianças que vivem em área rural e andam quilômetros e quilômetros para estudarem. Escrevo para pais e mães que trabalham incansavelmente para dar um futuro melhor a seus filhos, e para filhos que amam e cuidam de seus pais. Escrevo para os idosos que vivem em casas de repouso, para seus companheiros e para os cuidadores que tratam com amor e respeito essas pessoas. Escrevo para pessoas presas a motivos e intenções, que nem sei de seus sonhos, anseios, alegrias, amarguras e inseguranças; e para milhares de seres que fazem alguma coisa para tornar o mundo um lugar bom para se viver. Escrevo para as vítimas de crimes e injustiças de todas as naturezas; para os órfãos de pais vivos e mortos e para todos os

enfermos e profissionais da saúde que continuam persistindo e acreditando na vida.

Escrevo para os cientistas que permanecem testando fórmulas e fórmulas, anos a fio, para abater doenças. Escrevo para professores e profissionais que têm a nobre missão de ensinar e aprender todos os dias. Escrevo para pais e mães que vivem para os filhos, e para mulheres e homens que não puderam tê-los, mas que fazem algo para melhorar a vida das pessoas que necessitam de seu auxílio. Escrevo para pessoas que sabem pedir desculpas ao próximo, e para seres que reconhecem valores nos outros. Escrevo para pessoas que sabem voltar em suas decisões apressadas e equivocadas, e para pessoas que têm alma generosa e jogam o rancor para o fundo do poço.

Escrevo para o homem que caminha junto com seu animal de estimação, e para o sanfoneiro que encanta sentidos em reunião de família. Escrevo para a menina sentada na varanda de casa, com olhar sonhador, e para os meninos que

jogam bola em campo de futebol improvisado no lote vago.

Escrevo para pessoas felizes, tristes, deprimidas e para os que sofrem castigos e irrisões do mundo. Escrevo para homens e mulheres que passam ou já passaram por estupidez, humor ácido de chefes, sem poder se defender. Escrevo para casais de namorados que sonham maravilhas do primeiro amor. Escrevo para trabalhadores que levantam antes de o sol nascer, e retornam para casa depois que a escuridão tomou as luzes do dia. Escrevo para o trabalhador que se assusta, mas não se desanima, com o engarrafamento no trânsito, a roualheira geral, os preços de tudo subindo freneticamente e só tem direito à indignação, ao tédio e ao cansaço.

Escrevo para quem gosta de ler, escrever e de fazer planos para o futuro. Não importa o motivo, apenas sou movida a relatar com sentimento, fatos da vida.

Lágrimas ágrafas falam

Calor, chuva torrencial, frio. Primavera, não me acostumei com as mudanças bruscas do tempo nesta estação. Ambulâncias sobem e descem na rodovia que passa logo ali, perto de casa. Tenho medo do ar que respiro e das pessoas que me cercam. Aprendi a técnica de autossabotamento e inércia. Tempo frio, chuveiro queimado, banho postergado. Dia de poeta nunca foi ovacionado. Quem se lembra do primeiro verso? "Vozes veladas, veludosas vozes", minha memória imortalizou esta simbolista melodia. Ruído de moto atrapalha elucubrações. Comprei três pares de meias idênticas e um saco de alpiste. Talvez o pássaro apareça na varanda do quarto. Não vejo borboletas há meses. Lírios amarelos surgem no fundo do quintal; mato cresce. Leio algo sobre o valor do dia de morrer. Autoajuda ajuda; finitude do corpo, infinitude da história. Fiz um exercício de limpeza da alma: deixei o pranto rolar. Pranto é pano de limpeza

do espírito. Tempo seco, roupa esturricada no varal. Formigas disputam um pedaço de biscoito doce. Enxoto-as com o pano, suavemente. Tenho empatia por formigas desde criança. Acendo a luz do abajur de madeira. Levo o ventilador para o andar de cima. Paro no meio do caminho para limpar um cisco na escada. Semana que vem será de calor ou frio? Semana que vem pode estiar. Semana que vem posso morrer. O tempo pode tudo, virar do avesso minhas rotinas ou corroborar com a secagem das roupas no varal. Não tenho pressa em saber do futuro; posso esperar que ele esteja presente. Fico dentro de casa, sem reclamar do vírus, do isolamento social. Preguiça de abrir e-mails ou iniciar projetos. Tanto nome desinteressante, de trajetória insignificante, colocado à disposição do povo, disputa as eleições. Escrever é um ato político autônomo e livre que reinventa mundos, pessoas e coisas. Teço palavras para buscar novos caminhos que descortinam primaveras em estações múltiplas. Ambulâncias seguem cortando as águas da chuva.

Tenho empatia pelas lágrimas que caem dos olhos.
Lágrimas ágrafas falam, e meus olhos memorizam.

Estado de Graça

Nunca estive tão ladeada de morte. Entes adoentados, amigos em estado de graça em outro plano. Eu a olhar estrelas e fiapo da lua na madrugada gelada. Insônia sempre a me perseguir. Solitária, pensativa, prestes a liberar impulsos emotivos. Seguro lágrimas. Não há que se questionar nem refutar o inevitável. Desígnio é desígnio, ponto. Deus sabe o que faz. Fecho a porta da varanda do quarto. Leio algumas mensagens. A correspondência de um leitor chama minha atenção. Ele diz que minhas crônicas têm um lado cinzento, solitário, obscuro, às vezes hermético. Hermética, eu? Não, meus vocábulos são simples. Concordo com o senhorzinho em relação à obscuridade, não ao hermetismo. Eu bem que gostaria de ter mais estados de graça, surfando na crista de ondas altas, robustas, mas elas se arrebetam baixas, fracas, amedrontadas. O calor que você, prezado leitor, me oferece, não será rejeitado. Não sou

mulher de fazer pouco de gentilezas e alentos ofertados. Suas palavras são ternas, gentis e poéticas. A palavra tem o poder de encantar e desencantar o outro. Entretanto, caro amigo, o instante é de turbulência, de altos e baixos. Vou colhendo frascos de esperança, mesmo que o caminho aponte para o precipício. A vida vai mudando rumos, rotas e scripts a cada amanhecer, entardecer e anoitecer. Não somos donos do destino nem do mundo. Se me chama de entristecida, compreendo e respeito perfeitamente sua leitura, afinal a literatura é do sujeito; a semiose, prática que ambiciono do leitor na compreensão textual (pedir muito?). Quem sou eu, para dizer se sua interpretação corresponde "ao que eu quis dizer, de fato?". O autor não é dono irrestrito de sua obra depois que ela ganha o domínio público. Mas devo lhe dizer que a tristeza tem me pegado de jeito, sim. Não é que eu tenha me esmorecido nem feito corpo mole. Há momentos da vida que não são flores, frutos e luzes. A caminhada pode ser longa ou

curta, não importa, mas que esse mundo se encontra abestalhado e abrutalhado, é fato corriqueiro; e lhe digo que se não fossem a poesia e a arte, a coisa estaria muito, muito pior. Nunca fomos tão tristes, deprimidos e líquidos. Vejo jovens e adultos trancafiados em seus quartos, viciados em aparelhos eletrônicos. Não sou saudosista, fora de moda, mas aquém do seu conceito de felicidade. A tecnologia facilita a vida, mas é feito remédio que conserta comorbidades e ataca órgãos. Vivo numa Ciberdúvida. Nem tudo é respondível nem perfeito. *Perfeição, quiçá na arte. Ei-la repleta de graça em sua inominável definição: LIBERDADE DE EXPRESSÃO. Nasce arte, faz-se poesia, prosa despida de impurezas e efeitos colaterais. Arte é estado de êxtase, que nenhum entorpecente tem o poder ou a fórmula de levar o sujeito ao esplendor da felicidade e da salvação. O estado de graça de que falo é este, sagrado, passageiro, átimo de segundos; ainda bem que breve, leve, puro.*

Seríamos insensíveis se vivêssemos em pleno estado de graça. Não teríamos compaixão com o sofrimento e a dor do outro. Não, não, esse cenário de plena graça não me seduz, não me agrada. Prefiro lampejos de felicidade, mínimo de graça, pés no chão. Se estou triste, o instante me faz assim, o sofrimento do outro me aflige, a perversidade me enoja, a crueldade me revolta, o egoísmo me aborrece, o deslumbramento constante me enfada. A última vez que entrei em estado de graça foi quando um guri bateu à porta de minha casa; entregou-me um papelinho colorido. Saiu correndo, sem dizer uma palavra. Fechei o portão. Abri o envelope. O conteúdo dizia que gostaria de me conhecer, tomar um café com pão de queijo e conversar sobre os personagens da minha obra. Sorri. O nome do remetente era André. O dia marcado, o seguinte – “amanhã”. Fui ao mercado. Comprei algumas iguarias para o encontro. Esperei-o, ansiosamente. Ele não apareceu. Li a carta duas vezes: – “amanhã”. Esqueci da visita do menino.

Ele apareceu dois dias depois. Nossa conversa rendeu um frasco inteiro de graça. O exagero nos engessa, prezado leitor. Se minhas linhas surfam nas cristas de ondas de tristezas, devo-lhe dizer que são passageiras. Viver estática em humores claros ou escuros foge da minha forma de viver. Apesar dos pesares, dos afogamentos em águas de ondas fracas ou robustas, vivo esperanças ora mortas, ora vívidas; ora em estado de graça, ora em parcas tristezas.

Tempos de muitas chuvas

Chove sem parar. Chuva mansa, torrencial, braba. Céu ensandecido. Esgotos entupidos. Avenidas alagadas. Pais perdem filhos, filhos perdem pais. Choro, lamentação, sofrimento. Casas desabadas, lama engole mobílias e vidas. Caio na rua. Sombrinha para um lado; compras, para o outro. Procuro abrigo em supermercado. Noticiário televisivo transmite imagens de desastre ao vivo. Moça do caixa bufa de raiva. Compro maçãs, enquanto aguardo a tempestade abrandar. Tento desviar o olhar da funcionária. Ela treme. Presumo que esteja estressada. 'Mês dos infernos, senhora. Perdi tudo...' Lamento. O que me resta dizer? Sinto. Pelo bairro de cá, águas invadiram casas. Bueiros entupidos, lixo boiando na enxurrada. Olho desolada para o cenário caótico. Culpa do aquecimento global, do homem, da natureza, das rezas sem fé, do carma? Santa Bárbara, rogai por nós! Enchente. Chove, alaga, desaba, desabriga. Volume de chuva além da conta. Quem mandou incendiar a mata?

Jogaram lixo por todos os cantos. Campanhas educacionais sobre a correta acomodação do lixo, onde foram parar? Na boca de lobo entupida, na água que ocupa ruas e casas. Cansei! Todo ano é a mesma previsão: chuva, desabrigados, mortes. Ainda não saí do supermercado. A fila do caixa aumenta. A funcionária não almoçou nem foi ao banheiro. Tiro uma banana da sacola. Ela aceita, sem jeito. Não tem táxi disponível. Águas do céu caem mansas. Meu pé dói. Os sintomas da gastrite freiam meu estômago. A água turva que reflui sobre o passeio é misturada com esgoto; fede! Nunca vi tanto lixo flutuar. A garrafa de refrigerante surfa nas águas encardidas. Ar fétido. Imagino o número de ratos e baratas perambulando assustados. Ninguém quer morrer desse jeito, de jeito nenhum, a não ser os masoquistas. Não tenho apego desmedido, vou na hora H. Autoestima é o que queria falar com a moça do caixa. Desacelere, pula fora, tente outras vezes. Volto outro dia. Falei para minha professora que seria escritora. Ela riu. Disse que moça do interior tinha que caçar bom marido. Autoestima foi

a palavra da educadora. 'Você tem em excesso'. Aprendi a dosar a autoestima. O homem tem autoestima em excesso que esqueceu da prevenção. Não existem salvadores, depois que as águas entornam. Quem vai acabar com esse caos? Fé nas orações, terapias e nos remédios psiquiátricos. Sofrimento que não acaba mais. Todos sabem. Acreditam no apocalíptico? Água e fogo! Fogo e água! Não fizeram o dever de casa, não amaram o próximo feito a si mesmos; não perdoaram, não souberam conviver, dividir o pão, a renda, as despesas. A moça do caixa? Recordo sua expressão cansada. As ruas alagadas, o mau cheiro, a garrafa de refrigerante boiando. A descompensação da autoestima. Fecho a sombrinha. Entro na residência. Jornais e folhetos de vendas espalhados no terreiro. A caixa de correio, vazia. Apanho os papéis. Bufo de aborrecimento. Sempre pedi para colocarem os jornais na caixa. Resiliência. Volta a chover. Amanhã vem mais... Quem mandou incendiar a mata? Quem mandou as autoridades a

negligenciarem as campanhas educacionais do correto acondicionamento do lixo? Quem deixou edificar em encostas e entorno de mananciais?

Publicada no Estado de Minas/ 01/02/2020

Como pensar no futuro?

Como o presente está em *standby*, falamos do futuro: 2021, 2022; de eleições, reeleições ou o que vai acontecer na ciência, religião, história, geografia, matemática, enfim, em todas as áreas do conhecimento que norteiam o mundo. Custa a me acostumar com previsões e planejamentos a médio e longo prazos.

Prefiro viver profundamente o presente, a ter que me amarrar nas dobras e adivinhações futurísticas. Imagino, hipoteticamente, como seria o ano 3.000. Novos dogmas? Novos deuses? A tecnologia de hoje será jurássica. Doenças terminais passarão para o nível 1. Que os cientistas me corrijam, se o termo estiver em desacordo com as definições. De ciência e tecnologia pouco sei. Os seres terão mais qualidade de vida? Talvez mais permanência na terra; muitos viverão para além de cem anos, sem limitações e doenças degenerativas.

O passamento, creio eu, será mais aceitável, afinal tudo se transforma em partículas de energia a girar nesse éter infinito. O universo é um milagre do cosmo, de nanopartículas que se juntaram para formar átomos. Do mesmo modo, as letras formam palavras, as palavras orações, as orações textos. Acredito piamente que a geração 3.000 terá mais informações e cultura para compreensão de que o corpo é energia, que se despe da carne para se juntar às nanopartículas num processo contínuo de reconstrução do universo. Volto meus pensamentos para a realidade. Meu ano fugiu da rota. Doenças, tristezas, perdas, pelejas, e pequenas pausas para respirar.

Já não tenho tempo para escrever sobre o caos e as mazelas da política. Aqui não vai nada bem, mas há pessoas que botam fé; coloquei minha barba de molho há tempos. Essa política não me agrada, não me convence, não me engana. Vivo com o pé atrás, os olhos abertos, as costas encostadas na parede. Outro dia um taxista me disse que anda enervado com tanta politicagem e

que vota em branco há duas eleições. Voto nem deveria ser obrigatório. Em 3.000 ninguém será obrigado a votar em ninguém, nem invalidar ou votar em branco. Quem decidir votar, não terá o aborrecimento de sair de casa; o voto será virtual, pois tudo será conectado. Nem terá a chatice do comício. Será que essa geração hiperconectada terá liberdade?

Viver em 3.000 terá vantagens em relação ao mundo desconectado de hoje. A transparência política, administrativa e financeira deixará de ser apenas ficção legislativa; não haverá reeleição, monopólio, gastos com luxo, vale alimentação, vale moradia, vale isso, vale aquilo, porque desigualdades não existirão; nepotismo, perseguições, injustiças, pilantragens serão conceitos de que marcam um passado a ser negado. O congresso não será formado por políticos, mas por cidadãos comuns indicados pela sociedade. Ando com os pés sobre as águas, idealizando o ano 3.000. Culpa da incurável insônia. A literatura é para

concretizar o sonho mais absurdo do sujeito desperto.

Pela janela estática do presente só vejo catástrofes, pandemia, violência, mortes. Parece insanidade ficar sonhando um futuro ideal, quando não há sequer como transpor a eternidade deste presente atordoado.

Profissionais de saúde embalados pela esperança

Pequenos grupos em bancos de praças ou em filas de caixas eletrônicos. Distanciamento ignorado. Sem teto a Deus dará. Vírus corre solto pelo mundo, aumentando índices de mortalidade. Dói o choro da mãe que perdeu o filho. Dói ver imagens de caminhões militares, levando caixões para necrotérios improvisados, mundo afora. Olho para o céu cor de fumaça. Garganta arde, olhos lacrimejam. Tento mensurar a dor do mundo. Francisco reza, suplicando misericórdia. Quem amaldiçoou Jesus na quarentena? Quem surtou Eva? Percorremos estradas vazias, sem nenhum ponto de alimentação. Medidas restritivas, sem análise. Quem alimenta o caminhoneiro? Quem levará o pão para os ambulantes? O pneu furou; cadê o borracheiro? Taxa de glicose baixa. Azia, barriga vazia, jejum estendido. Quaresmeiras

tingem de lilás as matas das alterosas nos arredores das estradas. Morte, emergência, sufoco mundial do sistema de saúde. Faltam insumos e profissionais para a demanda explosiva. Tenho dificuldades para respirar. Praga solta. Peste faminta. Resistência! Resiliência! Aceitação. Lavo as mãos compulsivamente. Tiro os sapatos na porta. Cada dia é uma guerra para defender o ar. Sangram feridas fechadas; não imaginei viver o apocalipse. Vai piorar, antes de melhorar. Ambulância corre em disparada; batimentos cardíacos seguem no embalo da sirene. Panelaços e gritos desaprovam o comportamento da autoridade. Quem fala às favas, às favas vai. Coração apertado. Trabalhador autônomo desesperado. Consumiram todas as máscaras das prateleiras. O desespero gera caos. Sem-teto será isolado debaixo de qual teto? Bagulho pior do que a guerra, sem ter para onde ir. Crise em expansão. Pandemia enjaula, amedronta, surta: negro, branco, rico ou pobre; o inferno não tem classe! Dor que dá em Maria, dá em Pedro, Fernando, Carla e Ruth... Surge um hospital de

campanha na capital. Estamos chegando. Colocamos máscaras, vestimos luvas. Céu aberto. Medidas de isolamento. Bandeiras a meio mastro. A batalha nem começou. A vacina, cadê a vacina? Achados a passos miúdos. Cientistas em permanente vídeo conferência: muitas hipóteses, muitos corpora, nenhum resultado. A pressa é inimiga da perfeição! Hoje sei que estou de pé, amanhã não me garanto. Distancio-me de sol à chuva; de parentes e amigos. Revejo necessidades. Entro no sistema de saúde. Enfermeiros, médicos e profissionais vão e voltam. Bagulho mais potente do que a guerra é a força propulsora de resistência desses profissionais, que batalham pela vida, embalados exclusivamente pela esperança.

Loucura concebida é esquadro de normalidade

Pardais cantam louvores em minha janela. Amanheci saudade. Nuvens em expansão acobertam o sol. Abro a janela, um pardal entra batendo asas, pousa na cômoda coberta de poeira. Dobro as cobertas. Faz frio, venta, ainda não choveu. Não há planejamentos pautados. Talvez eu limpe o quarto, faça café. Caminho dentro de casa, sorrio dentro de casa, choro dentro de casa, leio dentro de casa... Do céu ao inferno é mais tênue do que fio de navalha. Louco é quem esquadrinhou a normalidade. Fecho-me em mim. Miro o teto por minutos. Computador, celular e televisor desligados. Minha conduta pertence ao acaso. Vivo em conflito com a coerência cotidiana. Pregaram Cristo na cruz. Não explico a crueldade por meios técnicos ou organicistas. Justiça é pautada nas infrações da lei. Pessoas boas não são santas. Espalho grãos de canjiquinha para pássaros. Ninguém gritou nem fez

birra. Canso-me de ouvir drama que não seja poesia. Revelei meu pranto à brisa. Fecho-me a diálogos maldosos. Prefiro papear com montanhas e brumas. Epifania da rosa amarela entreabriu no quintal. Do início ao fim: ciclo fechado. Lembro-me dos vasos, da cantoria, de Vida. Fiquei sentida com o estrago do furacão pandêmico. Apunhalada de falso amigo é morte consumada, sem direito à defesa. Quem aconselha é companheiro. Morre gente todo dia. No auge da pandemia todo cuidado é mixaria. Leio algo sobre a loucura. Temos um quê esquizofrênico. Vivo quase meio século sem pressa. Respiro ar frio das manhãs geladas.

Canto de galo desperta meu sono petrificado. Recordo-me do sonho de voar céus: liberdade! Sonhos são cargas emocionais armazenadas no inconsciente. Não deixei de lutar contra a imbecilidade diária. Tenho dó das lamentações do guri que chora pelas aulas remotas. Ouço mais choramingos do que outrora. Ausência de contato físico entristece. Saudade descomunal da professora. Saudade, pedra bruta no pulmão d'alma.

Menino grita, revoltado. Pai chora ausência permanente da esposa. Choro do lado de cá. Não limpei o quarto, fiz café. Permaneci observando o céu. Cinza chumbo escuro. Quando eu era menina caçava monstros e anjos nas nuvens. Céu era lugar onde vivia gente grande, inalcançável. Vivo duras realidades. Crio novos atalhos para continuar a caçar monstros e anjos. A praticidade das relações cotidianas desumaniza. Técnico demais, amoroso demais, toda exacerbação é mal. Quase perdi a paciência por um triz de prosa recalçada. Rezei poesia para acalmar a alma. Conclui especialização em ouvir o choro do outro. Recolho excrementos das maritacas, tranquilamente. Nuvens escurecem. Tarde abocanhada pela entrada da noite. Anoiteci esperança. Amanhã recolho dejetos dos morcegos; limpo quarto e banheiro. Fiz café para hoje e amanhã. Esqueci o bule de alumínio na geladeira. Guardei três vasilhas que servem para nada. Abro as cobertas. Faz frio, não venta nem chove. O menino parou de chorar; creio que dorme com os pardais no quintal. Antes de fechar as janelas, toco

as estrelas com as pontas dos dedos. Loucura concebida e particularizada é de quem esquadrinhou a normalidade.

Quero ser passarinho

Folha branca, tela branca. 'Faça o que lhe vier à cabeça'. Pintar diante de uma tela branca, com liberdade absoluta, é difícil. Deixe a arte fluir, simplesmente fluir. Em tempos de estresse absoluto e incertezas, a Arte-Terapia oferece saídas na extrinsecação física. Preciso respirar arte para me libertar do caos e das mazelas, para dar asas aos sonhos. Freud explica: o caminho de acesso à fantasia, mediado pela relação com o material, leva o artista ao encontro do consolo e alívio de suas próprias fontes de prazer em seu inconsciente. Minha fantasia e prazer são simbolizados em traços fortes, manchas e cores escuras em diversos suportes de artes visuais e na escrita sintética na literatura. Às vezes nem síntese nem metonímia...

Escrevo e pinto porque minhas expressões criativas pulsam em instantes diversificados. As fantasias e querências perpassam

por sonhos somatizados. Queria ser flor, sol, chuva, pedra, pingos de tintas sobrepostas em telas. Queria ser letra, palavra, oração. Queria ser verso branco, preto, ritmado, decassílabo, redondilha maior e menor. Inconsciente meu é pedra não lapidada e esculpida pela razão. Nervos à flor da pele são extirpados com doses de escrita criativa. Ontem libertei poesia em quintas. Quinta é símbolo poético que dispõe bivocábulo unidos em versos impregnados de musicalidade, bailado entre palavras e ritmo. "Muito além/poesia quintanista/criação divina/símbolo esculpido: ESCRITA". "Mal-dito vírus/bomba virótica/vela apagada/medida isolada / NEURÓTICA"? Infertilidade brotou em meu peito arfante. O texto encolheu-se em tentativas frustradas: apagar, reescrever, apagar, reescrever. Barulho de gritos nervosos me lembraram da necessidade de equilíbrio emocional e emergência de levar arte em ambientes conflituosos. Portas eram batidas na casa ao lado, socos na parede, choro convulsivo, gritos beligerantes; que tentativa ir lá apaziguar crise

nervosa da mulher. Não me atrevi. Briga de família, povo de fora não mete o bedelho. Auxiliar que trabalha aqui me revelou que foi internado em hospital psiquiátrico. “Que coincidência cinzenta terrível, moço!”. Não fazíamos nada, nada de sessões de Arte-Terapia, para libertar nossos monstros e ações através de símbolos. Nosso tratamento era à base de calmantes, antidepressivos e sessões minguadas com psiquiatras, que falavam da tal sonoterapia. Olhava o teto da parede manchada de mofo no quarto minúsculo da clínica. Enfermeiras me davam coquetel de remédios. Vivi um pássaro engaiolado por um mês. Aprendi a técnica de meditação, transpiração e olhar desfocalizado. O auxiliar ficou quase bom, com problemas de emoções e fraco da cabeça, segundo ele. Às vezes chora demais, ou se tranca em casa e passa dias na cama mirando o teto. Disse-lhe para pintar ou fazer colagem; os mediadores: pincel, tinta, tela ou papel cartão vão lhe fazer bem. "Pinte o que vier à cabeça". "Vou pensar no assunto". Dias depois vi o moço

comprando tintas na papelaria. Meses depois estava cantarolando no trabalho. "Recomendação boa, dona". Não tive oportunidade de falar para a mulher da casa ao lado sobre pintar ou desenhar. Mas é tempo de resgatar, transformar e reparar, no tempo certo.

Amanhã, quem sabe, quero ser passarinho, flor, verso ritmado/livre, palavra ou oração em tintas sobrepostas em telas ou papel branco. Inconsciente meu é liberdade, pedra não lapidada e esculpida pela razão.

Chuvas e Secas

A apresentadora do tempo no jornal televisivo anuncia:

– Vai chover!

Poderia ser um anúncio banal, pois final de ano no Sudeste e em algumas regiões costuma chover. Mas vai chover no Nordeste! Comemoro e dou graças aos céus. Não porque estou em outra região, mas por causa da seca braba que assola vida de pessoas, animais e esturrica solo, devastando plantações daquelas bandas de lá. Sei que nordestino vive com os olhos atentos ao céu e qualquer prenúncio de chuva é sinal de alerta e festa.

– Nunca estive em solo nordestino até o exato momento ou final desta produção textual. Vocês poderiam me perguntar de onde tirei a assertiva citada de que ‘nordestino vive com os olhos voltados para o céu’. Confesso e confesso felizmente, que sei (dizer sei pode não parecer simpático, mas aqui é

verdadeiro), porque li sobre o assunto na crônica de Rachel de Queiroz, para enriquecimento e conhecimento básico sobre a região. A leitura, indubitavelmente, proporciona preciosas informações e benefícios para o intelecto. Todos, sem exclusão, deveriam dedicar horas diárias de suas vidas à leitura.

Na crônica 'Verão', Rachel de Queiroz, afirma que 'todo nordestino fica danado da vida quando pessoas a que ele dá importância vêm conhecer a sua terra nos meses de verão. Não é que ele não goste de verão (...) no verão não há moscas, mosquitos, frieiras, reumatismos (...), nem trabalho. Porque em pleno verão, acaba a colheita do feijão e do algodão, virado o milho (...), há um período intermediário em que literalmente, não se faz nada..."

No Sudeste, na região mineira, é costume chover durante este período. Muitas vezes, torrencialmente, causando prejuízo à vida de pessoas, animais e plantações, quando se precipita fortíssimo volume de água do céu. As enchentes e as secas brabas são dois signos paradoxais, que causam prejuízo. Se tempo seco: terra adormecida, gado seco,

água baixa, açude baixo... Se tempo muito chuvoso: inundação, desespero dos que ficam sem teto, ameaça de surtos de doenças transmitidas por meio da água... Apesar dos pesares, tudo na vida é sazonal ou provisório. As duas unidades semânticas 'sazonal e provisório' são redundantes, pois são sinônimas.

Retornando à Rachel de Queiróz, para ela os estranhos não compreendem que a seca e as águas baixas são provisórias, assim como as enchentes brabas que castigam determinadas regiões no verão.

– O rio secou. O rio inundou. O calor quase insuportável do verão. A falta de água. O exagero da água precipitada pelas chuvas. Os desastres naturais que fazem vítimas. Os deslizamentos da terra. O clima doido. Os danos materiais e afetivos. A falta de remediação. A falta de implementação de sistemas adequados para alertar a população. A terra seca, rachada em algumas regiões; a terra castigada; a terra coitada entra em colapso nervoso...

Depois da seca e das enchentes, pessoas e coisas voltam à rotina, com vidas irrigadas pela necessidade da reconstrução, pois viver é começar de novo...

Coisas boas da vida

Dormir, sem ter hora para acordar; ficar acordado sem ter hora para dormir; tomar chocolate quente em dias frios e água geladinha, no ápice da sede, ou da resseca. Comer do bom e do melhor sem se preocupar com a dieta. Viajar para o litoral e cidades medievais, com duas férias vencidas para gozar, e sem restrições financeiras. Andar de primeira classe em avião, gratuitamente, por falta de espaço na classe econômica; fazer compras no *shopping*, ou em loja de grife no exterior, com 70% de liquidação de todo estoque. Chegar vivo em casa depois de muitas horas de voo. Beijar pela primeira vez; beijar pela segunda vez; beijar pelas primeiras vezes; beijos prolongados com sabor de hortelã. Balada sem hora para voltar. Comida de domingo na casa de mãe; jogar baralho com pai e irmãos. Final de semana com visita de primos diletos; feriado prolongado na fazenda com os amigos. Ler livros de

gênero predileto em dias de chuva, em dias ensolarados, em dias de sol esmaecido, em noites de lua cheia, nova, minguante e na falta delas. Pintar quadros varando a noite. Escrever poemas depois de meses de infertilidade temática, publicar textos em jornais; ser convidado para publicar poemas, crônicas, artigos, ensaios em revistas e livros. Ouvir seus poemas declamados por alunos; ser parado por leitor na rua comentado trechos de seu livro. Receber um assovio respeitoso e galanteador quando você passa pela rua, com a melhor roupa da semana. Andar sem rumo por avenidas em época de Natal; sentar no banco da praça na primavera e sentir o aroma de flores mesclado aos de amendoim torrado; degustar churros quentinhos; algodão doce derretendo na boca. Retornar a cidade em que viveu na infância; encontrar velhos amigos, ex-namorados canalhas em situações amorosas indefinidas; professores do primário, colegas de seu pai jogando dominó no banco da praça. Sesta de Natal e Ano Novo; festa de casamento com fartura de comida, doces finos, bebidas, boa música e companhia. Mergulho no lago; banho e cheiro de mar;

andar no calçadão quando as sombras pintam o céu azul de negro. Sair do hospital; receber alta, e não ter nenhuma complicação pós-cirúrgica. Acordar mais cedo para ficar mais tempo sem fazer nada. Ouvir do médico que seu peso, pressão sistólica e diastólica, colesterol e TSH, estão ótimos. Hotel com varanda com vista para o mar. A beleza da terra visualizada do avião. Filme de *Jerry Lewis, Charlie Chaplin...* Som de música clássica, de saxofone, de piano, de violão afinadíssimos. Tomar um lauto café da manhã na cama; receber presente sem fazer aniversário. Não ter compromissos agendados; chorar e tremer de rir ao ouvir piadas. Encontrar uma nota de cem reais escondida no blazer guardado; ir para festa de criança e se empanturrar de brigadeiros, bombons caseiros, e cajuzinhos. Dançar em discoteca; dançar na chuva; dançar com cabo de vassoura em dias de faxina; levantar com garra, coragem e disposição para mudar os móveis do lugar. Ir para o rio e pegar mais peixes do que o resto da turma. Contar histórias para a menina; ouvir contos e causos de pessoas idosas; presença viva dos avôs, pais, e irmãos. O primeiro

amor; a primeira paixão; o dia de casamento; a lua-de-mel; os primeiros anos de casamento...

A lista não termina por aqui. As coisas boas da vida têm cheiro especial, se eternizam por si mesmas, feito o perfume das flores que se despontam nas manhãs infinitas das estações.

O Sorriso de Mirielli

Sonhei com a moça mais linda que já vi. Doce, sorriso farto, belo, como tudo era no espaço físico e continua sendo no mundo espiritual. Vi Mirielli mais linda do que nunca, trajada em um vestido longo de cor alva rodado, com corpete enfeitado com pássaros e borboletas douradas; camadas de tule de crinolina, que davam enchimento e movimento à saia rodada. As mangas eram transparentes e rendadas, com fitas delicadas nas pontas. Ora parecia princesa, ora parecia fada madrinha, ora parecia borboleta emergindo de uma crisálida fluorescente, conversando e sorrindo para mim.

Conheci Mirielli na infância quando minha família se mudou, temporariamente, para casa de Tio Tico, na cidade de Santa Bárbara. Não sei precisar o nome da rua, mas me lembro que lá não tinha saída, o que favorecia consubstancialmente brincadeiras ao ar livre. E por que não dizer facilitadora

das peraltices infantis, que têm necessidade de brincar horas a fio, em jogos como pique-esconde ou rouba bandeira? Quando se é criança, a imaginação é fértil, desmedida, desmensurada, possibilitadora de voos rasantes em quaisquer ambientes. O canal de comunicação, naquela rua pequenina e sem saída, era dominado pelos seres infantis. Foi Mirielli que me apresentou, também, a segunda nova colega de outra família. Lembro-me do nome da menina, Pollyanna. Não sei a grafia usa y ou i, um l ou dois, apesar de recordar sua docilidade e modos finos. Eu, criança meio atabalhoada, tímida, de expressão sisuda, aprendi a contrair a boca, ao ver o primeiro sorriso farto e belo, com que Mirielli me recebeu em sua residência e nos dias em que morei naquela rua. Ensaiaava puxar os lábios com os dedos para formar um sorriso, em tentativas frustradas, para tentar alegrar minha expressão. Imitar aquele sorriso poderia ser solução para tirar meu rosto da inexpressividade do período em que você não é propriamente criancinha, mas também não é adolescente. Aquele sorriso era capaz de acender dias e noites mais plúmbeos das estações.

Aquele sorriso de Mirielli tinha um canal potente de interlocução com as estações mais sombrias do ano, capaz de acendê-las peremptoriamente. Aquele sorriso, não meu, ainda não meu, jamais meu, custei a compreender, vinha de dentro. Não o riso denominado por Bergson, que é algo que irrompe o silêncio num estrondo agozinante, retumbando como o trovão na montanha. O sorriso chega ao infinito sem falar, sem soltar um eco sequer. O sorriso é silencioso como a luz que atravessa cores quentes e frias. O sorriso farto é capaz de tocar os seres sem esperança, e os indivíduos mais improváveis de praticar atos de misericórdia. O sorriso salvou a vida de Exupéry, durante a Guerra Civil Espanhola, quando na cela perguntou ao carcereiro se ele tinha fósforo para acender um cigarro. O olhar penetrante do soldado com a pergunta inusitada do escritor, fez Saint-Exupéry sorrir para ele. Sorriu simplesmente, e esse sorriso acendeu algo na alma do carcereiro, que além de lhe retribuir o gesto, soltou-o... O canal de comunicação, entre as almas física e espiritual, está sempre aberto e ao alcance daqueles que querem ouvir, ver e sentir.

Assim é a interlocução entre os vivos e os que vivem para sempre: nada finalizado, definitivo, fechado; sempre haverá algo que estará por vir e por falar, em processo contínuo de construção. Há muita coisa a ser dita, escrita, transmitida, aprendida e a ser aconselhada entre os vivos e os que vivem para sempre. O sorriso que Mirielli me deu naquele período de agonia e de desesperança, foi além de um sonho. Chegou a ser palpável em seu acontecimento presentificado. Aquele encontro sob a forma de imagem de luzes, foi tempo sentido e vivido, imortalizado pela memória desmensurada e desmedida. De sorriso farto e iluminado, Mirielli falou comigo através daquele potente canal de comunicação, que o sorriso é portal de saída para os tormentos do corpo e da alma. O sorriso é o milagre que traduz, TUDO CONTINUA confabulando para o bem, independente do tempo e do desejo humano, pois é vontade divina. O instante, este e o futuro, é para pessoas que saberão espalhar e retribuir sorrisos, em tempos de dor e de incertezas.

O sorriso de Mirielli é elo vívido e real de momentos desencaixotados, aprendidos e apreendidos, de quem tem preciosidades arquivadas na memória. O sorriso dela acende noites frias e sombrias; sorriso dela, não meu, vinha de dentro daquela moça, cuja missão é de espalhar nos sonhos, a mensagem de que o sorriso é a força motriz do universo.

Teoria da Maria Clara

À memória de Maria Clara Gomes Cota

Foi numa manhã de domingo tingida de azul, lilás e dourado, que Maria Clara se encantou. Clara tinha uma beleza e luz invulgares demais, que brotavam do fundo da alma para o rosto e corpo de menina-moça. Nem tão menina, nem tão moça; no meio do caminho, em plena transformação com o correr compassado do tempo; mas o tempo iria corroborar para seu encantamento, com aviso prévio e marcado, que informaria a todos com antecedência que bateria suas asas transparentes e velozes rumo ao infinito. Pois é que Clara era diferente mesmo, nasceu metade menina, metade anjo de asas entre o azul e o lilás, para espalhar sua vivacidade e força na terra por 4015 dias. Sim, ela veio na velocidade de um raio! Clara era mais veloz do que o próprio som; mais veloz do que o limite inexpugnável da velocidade da luz. Quem poderia

superar a Teoria da Relatividade? Como é que alguém de massa corpórea poderia desafiar Einstein? Somente Clara, com seu pulsar binário, formado por duas estrelas compactas (metade menina, metade anjo), que giravam aqui embaixo na meia ponta dos pés; agora lá em cima, num compasso capaz de emitir sinal do céu para a terra, em qualquer tempo. Clara sempre foi mais veloz do que a luz, mais veloz do que um táquion, capaz de conversar com os outros em qualquer tempo e espaço, com energia que ora acelerava mesmo perdendo energia, e voava numa velocidade infinita com energia zero...

Para Clara, claríssimo que seu tempo aqui era essencial, na medida certa para ela deixar seu recado:

“Sou muito grata a todos”.

“Deixem sempre um sorriso no rosto”.

“Ficam felizes por mim!”

“Mesmo na distância, a amizade continua”.

“Quando você está com uma doença feito a minha, tem que ser feliz”.

“O motivo do Canal da Mary é deixar as pessoas felizes”.

Para Clara, mesmo na sua ausência, apenas física e palpável, ela permanece no sol das manhãs e tardes de quaisquer estações; nas gotas suaves e fortes das chuvas; no vento que baila junto com o movimento das flores; no calor discreto que aquece a pele delicada das crianças em seus banhos de sol; na bromélia em cada encosta de montanha; no canto terno do sabiá que madruga junto com as formigas em fila organizada; no olhar brejeiro dos seus ilustres irmãos queridos; no abraço amoroso de seus dedicados pais; no sorriso e gritos entusiasmados dos seus colegas de escola; nos restaurantes que servem comida japonesa; no infinito, no ontem, no hoje, no amanhã, Clara, sempre Claríssima, será um ruflar eterno de asas

em voo constante no céu azul e lilás de sua existência.

Como é que você sente alguém que viaja mais rápido que a luz para o passado, presente e futuro? Sentindo a Teoria da Maria Clara, na terra e no céu, duas moradas escolhidas por ela, para enviar mensagens e luzes em qualquer tempo. E o que isto tem a ver com Einstein? Einstein, agora lá em cima, num compasso celestial científico, mede a luz imensurável de Clara, para poder emitir, em qualquer tempo, sinais perceptíveis do céu para a terra, nas partículas transparentes de corpos de luzes. Pois é que Clara era diferente mesmo, nasceu metade menina, metade anjo de asas meio azuis/ meio lilases; capaz de viajar mais rápido do que a luz...

Inespecífico anoitecer materno

No início de uma noite de inverno, duas figuras encolhidas se davam os braços, caminhando vagarosamente até o ponto de táxi mais próximo. Era uma noite de céu avermelhado com rasgos cinzentos; fria, apenas fria...

Era uma noite em que pessoas saíam apressadas do trabalho, das compras, da farmácia, da ginástica, das consultas médicas e odontológicas. Apenas início de mais uma noite de inverno... As figuras centrais caminhavam sem preocupações com afazeres ou compromissos pré-agendados. Eram perceptíveis alguns tropeços leves de uma figura idosa, talvez pelas pernas titubeantes, ou pelos pés que se irritavam com o sapato, que dizia que era o responsável pelos eventuais tropeços. Insistia que estava bem. Insistia que o calçamento era culpado pelos

passos vagarosos. Insistia em destacar a coragem tatuada em seu peito, para driblar os piores vendavais, apesar da idade avançada. Insistia em dizer que tudo tinha jeito, independentemente do caso. Insistia em sorrir, às vezes, gargalhar de alguma piada que fazia. Insistia em tomar banho, sozinha. Insistia em descer os degraus das escadas, sem ajuda. Insistia, e isto me deslumbrava peremptoriamente, no pó-de-arroz e batom vermelho. Insistia em pintar as unhas; passar creme no rosto. Insistia em cantar, e me comovia profundamente com sua voz vívida, límpida e afinada. Insistia que eu lhe tomasse a tabuada, só para se gabar que era craque, nestes cálculos matemáticos. Insistia ler em voz alta os livros das prateleiras do quarto, chamando-me para escutar sua leitura fluida e performática, dizendo que dava show em muitos que concluíram ensino médio ou superior. Insistia em tocar os dedos dos pés com as mãos, para mostrar sua performance física. E eu nem sabia, que este exercício

indicava o grau de flexibilidade do corpo; o exercício de alongar os ombros, as costas e os tendões. Insistia em dizer que era forte, e isto eu sabia; sabia perfeitamente de sua força, de sua coragem, de sua vida dedicada à criação, à casa, à educação da prole. Eu sabia, como eu sabia de suas benfeitorias... Insistia em dizer que sempre foi forte, e isto eu também sabia há punhado de tempo.

Eu me agarrava naquele braço flácido e enfraquecido pelo tempo, no início da noite. Eu me agarrava naquele andar meio titubeante, às vezes, tropeçando junto. Eu me agarrava naquela vida septuagenária. Eu me agarrava em suas risadas e piadas, que às vezes, me causavam rubor. Eu me agarrava no seu olhar modificado com o tempo. Eu me agarrava a seus pequenos gestos. Eu me agarrava em suas estórias e lembranças, quando vinham à tona. Eu me agarrava, insistentemente, em qualquer detalhe, sem me ater às relevâncias.

Continuávamos a ganhar caminhos, sem nos preocupar com horários. Ganhávamos a presença da noite de céu avermelhado e opaco. Ganhávamos a companhia silenciosa e desconhecida de pessoas passando; de um pedinte de café, que teve sua noite premiada pela generosidade dela.

E continuávamos a andar, olhando vitrines; parando, andando vagorosamente; parando para ver o céu, as estrelas, as igrejas, os hotéis, os restaurantes, e os carros cruzando ruas... E continuávamos a ganhar caminho até o táxi; até a casa. Eu visualizando, disfarçadamente, seu olhar que ora se distanciava para algum ponto inespecífico, capaz de fugir a qualquer momento, sem se importar com quem estava conferenciando. Eu sabia que aquilo agora seria sua marca. Eu sabia que ela já não se importava mais com os rodeios da vida. Nem deveríamos, também...

Eu? Ainda me agarro nela, para me nutrir de sua alma materna, que ultrapassou e

ultrapassa quaisquer desafios pelos filhos, na
noite de céu avermelhado.

Janeiro Branco

Difícil ter saúde mental neste século de tantos compromissos, tarefas, notícias ruins, competições, fofocas, ambientes hostis, pessoas em processos de autoafirmação, mas é precípua puxar os freios, para que nossa mente possa equilibrar-se. Janeiro é mês da consciência sobre a Saúde Mental. Como está a saúde de minha mente? Tenho refletido: vai de altos e baixos. Às vezes no ritmo do estresse dominante; às vezes devagar, quase parando... O transcurso do tempo não é de “luzes, câmera e ação”. Andamos por vales aterrados, morros escalpelados, sombrios e revolvidos, dolorosos e de lamentações. Recordo idas e vindas pra lá e pra cá. Não computei quilômetros nem measurei lágrimas escorridas. Nervosismo no ápice, estresse à flor da pele; depressão quase bateu à porta. Pausa para respirar, mirar o verde. Diz mãe que olhar o verde ajuda a restaurar os neurônios. Não foi ela a autora da frase, mas um neurologista de Itabira. Boto fé na

terapia das cores, da música e dos livros. Quando a droga só consegue suavizar os sintomas de certa patologia, quaisquer terapias são bem-vindas. Um especialista do cérebro me assegurou. A última função no cérebro que vai embora é a musicalidade. Música é vida em plenitude. Acalmo estresse do trabalho com música. Paro para refletir, reorganizar metas. Uma folha em branco. O que fazer com cinco minutos de liberdade? Sair em busca de mim mesma? Minha folha em branco organizará idas e vindas. Vou partir desta reescrita. De que forma lidei com situações de extremo estresse? Com mais estresse. De que forma atuei no campo das emoções? Com discursos de mágoa, julgamentos e exacerbação. De que forma me comportei diante de doenças na família? Às vezes no ápice do nervosismo, muitas vezes com o coração, sentimento de posse, proteção desmedida, desconfiança e insegurança. De que forma reagi às dores da alma? Às vezes chorando demais, às vezes segurando o choro, às vezes com uma coragem desconhecida. Escrevo algumas linhas do

meu comportamento emocional. Esqueço de mencionar a falta de empatia com determinadas pessoas. O que o coração pressente, gerando pré-conceitos, as ações e reações são frias e artificiais. A desconfiança no outro é algo a ser trabalhado este ano. Preciso cuidar dos pensamentos, da mente, da saúde mental, para não entrar num colapso. Respiro fundo. Faço exercícios físicos. Comprei piscina de plástico. Água me tranquiliza. Observo o verde. Vejo os carros passando, sem parar, na rodovia. Coração e curiosidade disparam com a sirene da ambulância que passa apressada. Quem estará lá dentro, agonizando? Poderia ser eu ou você, prezado leitor. Podemos não estar naquele automóvel hoje; mas, amanhã, nada sei. Hoje não me possuo, o que me possui é o instante. O momento agora é de reflexão sobre mim, sobre você; sobre nossas emoções e reações diante das intemperanças na vida, no trabalho, no relacionamento com a família, com o companheiro, colega de ofício, vizinho, amigo e com quem nos incomoda demasiadamente. O estresse é imputado a todos nós. Lidar com ele é saber

procurar caminhos, conduções, alternativas ou tratamentos com especialistas, para o autoconhecimento e qualidade da saúde mental. Eu, sem nenhum orgulho ou segredo a sete chaves, confesso para quem se interessar que cuido de minha saúde mental com psiquiatra e terapia. Sei de minhas emoções, idiosincrasias, nervosismos, problemas no trabalho, exaustão emocional... Não nasci com o chip da perfeição incrustado na alma, nem com todos os aparatos e armas, para suportar o vai e vem da vida. Não vivo de plenas alegrias nem de plenas tristezas, nem de derrotas ou vitórias. Vivo meus quarenta e tantos sob demanda, em constante evolução, aprendendo com as agruras, gestos miúdos, escabrosidades, alegrias, tristezas, dores, pequenos instantes de ações e reações sentimentais. O que procuro preencher nesta folha branca é harmonia nas relações, educação das emoções, renovar, sobretudo, RE-NOVAR. O som da sirene da ambulância some na distância. Que o doente seja prontamente atendido, assim desejo e espero. Oxalá, não seja nada incurável! Fecho a

porta. A noite se apresenta. O ar se refresca. Tenho fé nos planos, sentimentos e reações. Estou meio borocoxô, hoje. Amanhã o sol ressurgirá. Ele foi ali, descansar. Sabe o sol de si mesmo. Vou repousar. Estou aprendendo a lidar comigo...

Marcas

Voamos sobre o Nordeste. Comemos refeição requintada na aeronave. Fico a pensar na região onde a fome impera. Dá-me ganas de jogar a refeição do lado da poltrona à direita. Ninguém a ocupar o assento. Olho para os passageiros absortos em suas refeições. Saboreiam o prato quente com estupor. Abro a cortina da janela do avião. Quem dera pudesse abrir a janela e jogar esses alimentos. Sei que lá embaixo há meninos e meninas a ver o piscar das luzes, sonhando um dia estarem aqui. Um ponto pequenino a iluminar a imensidão do céu. Recordo-me da adolescência na varanda da casa de mãe: luzes a piscar; pensamentos de estar a voar junto às nuvens e às estrelas. A fome não fazia parte do sítio em que vivíamos. Todos a sorrir e a esbanjar cores coradas na face. Andávamos de bicicleta ou simplesmente sentávamos na varanda para ouvir música da vitrola. Sonhávamos. Pensávamos que o mundo

girava a nossa volta e a nosso bel-prazer. Mundo de adolescente é sonhar sem medos ou amarguras no amanhã. Amanhã seria mais um dia a se despertar azul. Trabalhar, estudar, ler, conversar com amigos, irmãos e pais. Problemas ou agruras não faziam parte, ainda, do cotidiano, enquanto o tempo seguia seu rito: para frente, impávido e a prosseguir. Perco-me em lembranças, enquanto espio a janela do avião: há lá embaixo meninos e meninas que guardam o sonho de estar onde estou. Quem sabe mais cedo do que eu? Quem dera se não tivesse que passar por privações e sofrimentos.

O comissário avisa para apertar os cintos. Área de forte e larga turbulência. Não tenho medo nem preocupações. O foco é o pavor de perder o colo materno, mas a esperança se renova nos despertares.

Abro a bolsa. Leio trechos de uma escritora portuguesa que propõe ao leitor, dar-lhe pistas para encarar a vida. As palavras me soam piegas e fracas. Estou a exigir dela a fórmula

mágica do consolo e da aceitação de algo que será quitado com o decorrer do tempo. Ninguém fica na sementeira. Meu corpo se arrepia com o ar condicionado gelado.

Vivo num momento de estupenda amargura. Nervos e ansiedade à flor da pele como raio a cortar o céu em dias de forte tempestade. Agora, nada de superação, palavras de consolo; apenas resiliência. Enviuvar é algo impensável para os que amam fervorosamente, apesar da finitude do invólucro carnal. O medo é algo que nos cutuca diariamente feito ponta de seringa, provocando dores dilatadas.

Passamos pela turbulência. Meninos e meninas ficam para trás, embalados em sonhos a piscar feito estrelas. Olho ao meu redor. Uns dormem tranquilamente, crianças choram, um casal de idosos ao meu lado, de mãos dadas. Quem me dera estivessem aqui os meus.

As amigadas portuguesas e a jornada Luso-Tropical ficam para trás... Não se apagam do outro lado do atlântico. Fortificam-se com o

passar dos anos. A saudade está a soprar levemente, mas todos estão bem, pois não se isolam nem se fecham para o mundo.

Pai e mãe são marcas que se eternizam; educam, acalentam, estruturam, amam, ouvem e mostram a melhor via. Não fazem parte a vida inteira da sementeira, a não ser em recordações, expressões, manias e gestos... Meu pai, estrela; minha mãe, olhar miúdo a me mirar...

Estou a regressar com aflições e pontos de desequilíbrio. Nada a ser dito que não pudesse ter dito. Nada de abraços e afagos deixados para trás. Nada a ser reparado ou perdoado. Muito a ser contato e compartilhado. Muito a ser sonhado, idealizado, planejado... Sinto sua vivacidade se exaurindo por meio de máquinas. Silêncio grita no peito arfante. Respiração se intensifica com passos e afagos. Ela quer se interagir a todo custo. Sinto. Acaricio seu rosto bonito. Penteio seus cabelos finos e sedosos, com as pontas dos dedos. Sussurro. Ela

aperta minha mão, abre os olhos por poucos segundos.

O presente se faz indecifrável, fugindo da palma da mão. Apago a luz da poltrona. Fecho os olhos marejados. Tudo passa, como passará o sonho daqueles guris, que correm atrás das luzes que piscam no céu. Um dia serão luzes pequeninas a brilhar feito o amor coletivo e interpessoais cravado no peito.

Ruas de blocos e de teclas

Minhas primeiras crônicas surgiram de bate-papo entre vizinhos e suas proles no interior mineiro, sentados nos banquinhos e nas calçadas. A rua ainda se chama Maria Carolina. Na minha época, o chão era forrado com bloquetes. A molecada proseava algum tempo com os mais velhos temas diversos, palavras voadoras que deambulavam para a vida escolar. Registros aos flagrantes do dia-a-dia reinavam também nas conversas entre pais e filhos. Era ali que falávamos dos conteúdos das aulas, das educadoras mais ou menos enérgicas, do dever de casa, das provas e de seus resultados. Pais escutavam os discursos proferidos, que duravam em média uma hora. Havia mais reclamações entre o grupo de adultos sobre as dificuldades da vida; apelos da alma; inflação, insatisfação pela política; filho que ainda não tinha arrumado estágio; namorico da filha adolescente; tempo nublado, frio, seco, abafado; programa de

televisão (com destaque para novela e futebol); serviço doméstico que não acabava nunca, etc... A fofoca tinha poucos temperos de peçonhas. Antes do *boom* da rede social, o bate-papo de porta em porta, de janela em janela, de calçada em calçada, quando o sol se punha no horizonte, era mais frequente e apreciado. O falatório transcorria cara a cara, frente a frente; depois, se tivesse polêmica fofoqueística destacada, ela poderia deambular para outros lares ou lugares longínquos. Vazamentos aconteciam, pois ninguém é perfeito. Uns têm mais propensão a guardar segredos (boca de siri), outros soltam sem intencionalidade maliciosa (boca bamba), outros com claro objetivo de socializar a fofoca (boca impulsionada).

Quando desconfiávamos que nosso tempo havia se findado na roda dos adultos, saímos em fila, para calçada contígua. Não trocávamos farpas apimentadas em nossos bate-papos, nem apresentávamos reações irritadiças e descontroladas, por opiniões divergentes. Às

vezes, dois adolescentes travavam discussão mais acalorada de conteúdo (sem palavrões e ofensas), para defender seu ponto de vista. Quando não chegavam a um denominador comum, o mais velho do grupo aconselhava os alterados a modificarem de assunto, para que em outra oportunidade pudéssemos conferenciar. Dependendo do ânimo, retornávamos à temática com argumentos mais sólidos, ou fingíamos esquecer. Não valia a pena gastar tempo valioso com prosódias. Não valia a pena jogar ponto para o colega, que defendia com unhas e dentes, opiniões diversas. Não valia a pena colocar gasolina na fogueira, para o assunto já polemizado virar um amontoado de pirotecnia de palavrões, toma lá da cá, colocando colegas, em uma briga imbecilizada, pelo compartilhamento, que às vezes acontecia, de porta em porta. Não nos sentíamos: irritadiços, com a cabeça, foco e coração 'caídos de quatro pela máquina', cada dia mais distantes, com sensação de endeusamento pela parafernália de janelas e

portas tecnológicas abertas, com um punhado de amigos virtuais, e capacidade milagrosa de estar em dois ou três ambientes ao mesmo tempo, sem estar de fato em nenhum deles. Éramos menos tecnológicos, no meu caso, nada tecnológica, pois não havia visto, ainda, um computador. Assunto viralizado, naquela época, pertencia aos jornais impressos, às TVs e às Rádios. Hoje tudo é publicado, curtido, compartilhado, comentado, em tempo real, independentemente de sua relevância. A frivolidade e a genialidade estão ao alcance de todos, com os mesmos direitos de publicidade. O jargão 'tá favorecida a divulgação do conteúdo inútil, e sua mega proliferação', reina absoluto.

Retornando às crônicas. Hoje elas surgem dos bate-papos colhidos, cada vez mais parques, em ruas asfaltadas, e com mais intensidade em portas e janelas, sem blocos e bancos chumbados. Os flagrantes do dia-a-dia surgem em chão forrado por teclas, que inserem assuntos compartilhados no espaço cibernético,

com infinitos amigos virtuais desconhecidos. O tom de comunicado, confissão, urgência, para falar sobre as coisas da vida e de sua transitoriedade, acontece em novos formatos, para ser viralizado em tempo real, durante ou após o expediente. ‘As pessoas eram melhores’? ‘A senhora prefere o ambiente virtual ou o presencial’? Últimas perguntas. ‘Não, nem melhores nem piores. Cada época guarda encantamento, benesse, mas também, negatividade e descontrole. Pela minha idade, posso dizer que vivo nos dois ambientes, deambulando pelas ruas forradas de bloquetes, para as ruas de teclas, com o dedo guardando ou compartilhando flagrantes geniais ou não. O que o futuro nos reserva? Talvez mais homens máquinas e menos ruas asfaltadas.

Juntar documentos

Batidão intenso; meses juntando documentos. Detesto o universo burocrático, apesar de sua necessidade e importância para o funcionamento das coisas debaixo das leis. Mais de mil páginas estudadas, grifadas e analisadas. Petição, advogado, juiz, espera, paciência, liminar. Mundo jurídico: impregnado de interpretações e análises textuais. Que preguiça Macunaímica. Uma senhora louva o sol. Encanto-me com a sua felicidade estampada em semblante corado. Agradeço a luz solar. Fila quilométrica na lotérica. Dois homens falam de política. Reclamam dos candidatos a candidatos, da pensão miserável, da Saúde, do tempo... Continuo deambulando. Um senhor desafina " Boemia e Madalena", esticando o chapéu. Coloco cinco reais nele, depois de ouvir duas músicas e uma lamentação poética desprovida de sentido. Boa praça, não nega a raça dos poetas. Se tivesse tempo, pediria licença para declamar

alguns versos ao vento. Ontem fez frio, hoje calor neste louco fim de verão; amanhã, o tempo pode ser misto. Cansaço. Olhos pesados, deveres acumulados. Detesto burocracia, desavenças, confusões, cizânias. A simplicidade da vida é tocante; o homem, ser egocêntrico, complicou a convivência. Conciliação? Sem chance, se não tiver intermediários. Somos complexos para compreendermos a simplicidade da vida. Os animais entraram em sintonia desde os primórdios. Sol esmaeceu. Acho que vai chover. Abro minha bolsa. aguardo a tinta agir nos cabelos brancos. Clientes mudas, teclam nos celulares. O mundo virtual é moda, vício, às vezes, praga, se não tiver limite. Aquela moça escova meus cabelos com semblante de poucos amigos. Puxa os fios com destreza mecânica. Nunca vi brotar um sorriso de sua face. Cheiro de creme, alisante e tinta. O barulho do secador me atordoia. Está quase acabando. Miro a porta, com disfarçada ansiedade, mas com vontade de correr para fora e ganhar a rua. Entra uma cliente que aperta meu rosto. Fico sem

jeito. Começa a chover. Tropeço nas pedras. Atravesso a rua na faixa; o motorista me aguarda com o pé no acelerador e debreando o ímpeto de avançar por cima de mim. Se não fossem as leis, a tal da burocracia... Quem mandou o homem ser tão complicado, complexo? Inventaram e inventam tantas leis para controlarem a convivência entre o aceitável e o inaceitável. Vou continuar a juntar documentos, quem sabe algum dia precisarei deles para comprovar que entendi o que é cidadania e civilização.

Meu poeta luz

“Tem um cara que vem aqui todos os dias; o nome dele é Jesus. Ele vai orar por você”. Quando fui procurar a figura, cujo nome é José Venâncio, o senhor havia falecido em 2008. Curioso, o fato? Alguns dirão que sim, outros que não. Os que têm medo ou superstição dirão: coisa assombrosa. Assombração? Quem tem medo? A maioria da gente. “Eu vejo gente morta”, não é fala exclusiva do menino de O Sexto Sentido. Frase célebre de dois filmes de suspense, mas longe de serem exclusividades ficcionais. Macabro, aterrorizador, gente que se despiu desse plano surge assim do nada, mais do que se imagina. Sem medo e pânico, caso o leitor tenha recebido visita ou sinal de um ser de luz, que vive noutro plano. Frequentar centro espírita, para afastar o iluminado? Questão difícil de ser

respondida. Talvez sim, talvez não; tudo depende da pessoa que visualiza.

Converso, desde 2004, com espíritos de luzes. O primeiro contato, sutil, em dia frio, repleto de bruma nas montanhas de Minas. A paisagem pelas bandas de cá tem característica neblinosa, fria, cinzenta. Lembro-me do ser chegando perto de mim, sussurrando no meu ouvido, versos e frases de encorajamento. O espírito foi do poeta inconfidente, Tomás Antônio Gonzaga, vulgo Dirceu, que repetia com suavidade, mas veemência: Graças, Marília bela. Graças à minha Estrela! Fiquei aparvalhada com a visão do além. Fui embalada pela voz melodiosa até chegar ao Hospital Monsenhor Horta. De lá fomos envolvidos numa neblina densa, na estrada de quaresmeiras que liga Mariana a Belo Horizonte. Cento e quarenta por hora. O motorista da ambulância seguia em alta velocidade pelas estradas repletas de curvas. Segurei na mão fria do poeta. Olhei-o com ternura e afeto. O que me prendia a esta vida? Missão,

disse ele. O afeto do poeta cobria meu corpo dorido como bálsamo. Ao meu lado, Tomás aturdido com minha respiração titubeante; do outro, meu irmão segurava minhas mãos...

O carro prosseguia num vai e vem contínuo, cortando a neblina que cobria a estrada. Dores rasgavam meu corpo. Prosseguia, no entanto, vivaz e na calma, dormindo um leve sono. Ele repetia: “Graças, Marília. Graças à minha Estrela! Seus cabelos cumpridos têm a cor da negra noite...” Meus cabelos longos se espalhavam sobre a maca, oleosos, desgrenhados. Dirceu penteava-os com as pontas geladas dos dedos. Senti-me embalada com o toque. Abri os olhos. Vi sua expressão amorosa a mirar meu rosto descorado, soprando outro verso, “aqui vence o Amor ao Céu, Marília, lute pela vida...” A escuridão veio à tona. A luz se apagou num átimo. “Seus cabelos não têm a cor do sol nem cachos ondulados”...

O verso permanece em minha mente...
O retorno para casa foi numa manhã fria e

silenciosa. Meu companheiro dirige com atenção, enquanto o rádio toca música antiga. Não aprecio a canção. Olho-o com afeto e amor indecifráveis. Viver aqui nunca fez parte dos meus planos.

Chamo o poeta, quando estou só em casa. Dirceu ouve meu chamamento, surge sorrindo, emudecido. Desaparece numa nuvem transparente. Detesto seus desaparecimentos sem aviso prévio, ou quando estou a lhe falar. Outra pessoa surge no meu campo de visão. Um rapaz de olhos e cabelos escuros. Nome: Vítor. Ele viveu na minha morada, no antigo quarto que agora é meu estúdio. Os pelos do corpo se eriçam. Nada fala, apenas esboça um sorriso triste. Ele se foi pelas próprias mãos, cansado da lida. Olho-o com ternura, ele corresponde... Vítor está sempre ao meu lado nos momentos de criação e estresse. Faz-me companhia, quando sinto uma lufada fria passando pela fresta da janela. Sopra orientações para meus textos, que ficam no meio do caminho, ou quando paro

repentinamente de escrever, por falta de ideias ou por esquecer algum vocábulo ou expressão.

A voz meiga e os suspiros de Dirceu continuam a me soprar versos. Seu rosto perfeito, seus olhos meigos, suas mãos frias a me estender e acariciar, acelera meu coração enfraquecido, cansado, doentio. Pego seus dedos nevados, querendo puxar-lhe para junto de mim. Ele se afasta gentilmente, com os olhos sempre a me mirar com amor. Tomás sempre surge em dias nebulosos ou luminosos. Quero dar-lhe beijos, mas ele foge sorrateiramente... O dia e a noite se tornam formosos e ensolarados, depois de seu surgimento.

Outros vêm com frequência, outros desaparecem sem deixar rastro. Não há o que temer. Boas almas estão sempre rodeadas por espíritos iluminados, vibrando em sintonias elevadas, captando mensagens e poesias. Ditosa sou por receber poesias e visitas de iluminados, a cobrirem dias tortuosos ou de glórias. Sinto-me livre da torre e do enlouquecimento. Sem Dirceu

a viver no meu peito, compadeceria de desgosto,
sem resistir ao mal, apressando minha morte. O
seu afeto e constância me seguraram...

Vade retro, 2020!

Fertilidades e inquietações brotadas em tempos de pandemia. Corrida frenética pela vacina. Que Deus nos acuda para sobreviver! Nervos à flor da pele, trabalho, responsabilidades e cuidados triplicados. Não sou de aço, diz o gari com as mãos ensanguentadas. Doeu-me ver o corte profundo. Pedacos de vidro não embalados no lixo. Não vi o meliante. Corpo de beija-flor enrolado em saco plástico transparente. Que dó me deu as lágrimas do menino. Idoso reclama solidão. Vivo dias cinzentos e ensolarados. Ontem a chuva despencou, bravia. Meus vasos de cimento se encharcaram de contentamento. Lagartixa insiste em travar disputa por um lugar à janela. Toca música na vizinhança; gritos de crianças no terreiro. Rodovia vazia; noite alta, insônia maldita. Que mundo trágico e insano! Barulho de fogos de artifício me mata de medo. – Adquiri síndrome do pânico e depressão, diz um colega. Tenho resquícios de tristezas guardados.

Sinto por nossas vidas e mazelas. Rezo de segunda a segunda, sem dó e piedade. "Livrai-nos deste mal desmedido, Deus, Buda, Alá, Tupã, Olorum, Sol e Lua"...

Acordo de três em três horas para dialogar com o tempo, paredes e portas. Minhas mãos andam trêmulas e amareladas de calos. Trabalho com caneta, pincel, vassoura, enxada, pano de chão e de poeira... Plantei orquídea no jardim de casa há tempos, que não murcha nem em tempos de seca. O solo sabe o amor de cuidar das plantações. Buzinas de automóveis no quarteirão. Não sei do futuro. O sol nasce redondo ou retangular, para quem semeia vento ou brisa. A tempestade possui o céu em rasgos claros. Não há coração de pedra. Quanto lixo espalhado nas calçadas. Garis capinam ruas. Quanta erva daninha nasce nas trincas dos pavimentos mal feitos. Num trecho do centro histórico, seixos rolados exibem a rusticidade da vida no passado. Daqui a algum tempo nem seixos rolados, nem lembranças, nem motivos para chamar de histórica uma cidade reformada... Vivemos fartas

tristezas brotadas a cada amanhecer... Este ano já vai tarde. Não terei nenhuma nostalgia! Vade retro que aqui já deu; deixou tristeza por legado:

tardes

tortuosas

triviais

tertúlias

tangem

tempestades

Final de ciclo

Caminho pelas ruas de seixos rolados vagarosamente, tentando, sem sucesso, passar a perna no tempo. Santa ingenuidade teimar em segurar segundos e minutos. Continuo périplo solitariamente, me desviando (com meus tênis quase soltando a sola) de transeuntes que andam apressados, para seus compromissos inarredáveis. A vida é inadiável, mesmo. Mesmo? Até findar, sim. Visualizo pernas frenéticas; pessoas gritando, tossindo; carros que vão e voltam, apito de guarda; garoa, céu nublado, etc. Tudo isto é pulso da cidade. Lojas ainda exibem enfeites natalinos. Já?! Corro os olhos para ver outros estabelecimentos comerciais, todos com motivos de final de ano nas vitrines. É quase Natal? Pergunto-me atordoada querendo alimentar minha incredulidade pelo final de mais um ciclo.

É segunda quinzena de novembro, penúltimo mês do ano. Admito embasbacada, minha

incredulidade pelas pernas ágeis, concisas e disparadas dos meses que passaram feito furacão. Projetos concluídos? Pergunto-me. Alguns foram com êxito, outros nem tanto ou nem chegaram a vingar. Constató que perdi amigos nesse vai e vem do tempo, não por desentendimentos percebidos, brigas, disputas, ou sei lá o que, mas por casos e acasos do destino (penso eu); por excesso de trabalhos; compromissos inadiáveis. Os defeitos, amigos, tento a todo tempo, minimizá-los, ou se possível, extirpá-los, mas ninguém é perfeito. Os amigos que perdi, quem sabe, retornem um dia, da mesma forma que foram sem avisos prévios, ou telefonemas dizendo: “vou guardar sua amizade no armário por algum tempo!”. Livre arbítrio; respeito decisões, aceito novos rumos, pensamentos, projetos dos amigos. Os que ficaram, firmes e fortes, guardo-os com carinho e afeição, valorizando os que ganhei.

Fito novamente a rua, esquecendo os amigos que perdi e os que ganhei no ano, para contemplar as luzes de natal nos postes, nas árvores; os enfeites montados nas praças, casas, lojas. Todos

os recintos foram tomados por luzes para receberem o Natal. O penúltimo mês do ano não findou e nem virou sua página no calendário. Dezembro não deu as caras. E daí? Que mal há em começar a traçar planos, desde já, para o ano vindouro? Que mal há em traçar metas, feito as luzes de Natal que iluminam com antecedência o cenário urbano? Que mal há em antecipar, que é nada mais, nada menos, que mover-se ou deslocar-se para frente? 'Pra frente é que se anda, diz o ditado popular'.

A vida é feita de ciclos e tradições, conluo atravessando a rua. A primavera em sua plenitude exhibe flores belas, fortificadas e multicoloridas. O verão já mostra desejo de chegar. A primavera vem e vai. Vem e vai novamente; as flores também. Um novo ciclo, que é velho e novo ciclo cíclico. E eu? Planejo antecipar-me, movendo-me para frente, comprando tênis novos para continuar a bater pernas pelas ruas de seixos rolados, e abrir os braços para aconchegar os amigos que virão, e com mesma receptividade de outrora, aqueles que sumiram sem aviso prévio. E anticipo, a amizade verdadeira,

independente do tempo, da distância, dos desencontros da vida, é iluminação natalina, no tempo certo, brilha. **Publicada no Jornal Estado de Minas – 18/11/2018**



Andreia Donadon Leal

Andreia Donadon Leal e Deia Leal (nomes artísticos de Andreia Aparecida Silva Donadon Leal). Nasceu em 17/09/1973, em Itabira. Filha de Edson Baptista da Silva e Maria Aparecida Ferreira da Silva.

Reside em Mariana – MG. Graduada em Letras pela UFOP, Especialista em Artes Visuais: cultura & criação, Mestre em Literatura pela UFV. Escritora e Artista Plástica do Movimento de Arte Aldravista. Presidente fundadora da ALACIB, Membro efetivo da AMULMIG; da Academia Marianense de Letras, Ciências e Artes; correspondente da Academia de Letras e Artes de Portugal. Criadora do Projeto Poesia Viva: a poesia bate à sua porta (Prêmios: VivaLeitura – MEC-Minc e Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil). Foi cronista da **ABN NEWS** (Agência Brasileira de Notícias) e do Portal Vértices Inconfidentes. Colunista da AGÊNCIA PRIMAZ DE COMUNICAÇÃO, do Jornal Panflet'us e do Portal Cidade Mariana. Colabora com o Jornal LINGUAGEM VIVA – SP. Prêmios: Medalha de Ouro da *Académie Du Mérite et Devouement Français*; Medalha da Inconfidência (bronze e prata); Prêmio Adalgisa Nery e Olavo Bilac da UBE-RJ, pela aldravia. Vencedora do Troféu Rio – Personalidade Cultural da UBE-RJ/2016. Homenageada na V Bienal do Livro de Minas Gerais, pela Câmara Mineira do Livro e pela

FAGGA/2016. Homenageada pela Comissão da Cultura da Assembleia Legislativa de Minas Gerais-2016. Venceu o Concurso Literário Cidade de Manaus, com o livro de ensaio: História da Arte Aldravista. 1º lugar no Concurso Internacional de Artes Plásticas da *Asociación Cultural Valentín Ruiz Aznar* - 2008 (Espanha). Representante de Minas Gerais em Circuitos Internacionais de Arte Brasileira - (em 12 países - América, Ásia e Europa). Recebeu o Prêmio MURILO MENDES da UBE-RJ, pelo conjunto da obra.

Autora de livros de poesia, contos, ensaios, infantojuvenil.

Contato: deialeal@jornalaldrava.com.br

ENTREVISTA COM A AUTORA

COMO EU ESCREVO

José Nunes de Cerqueira Neto - editor do [@comoeuescrevo](#) e da [@colendaeditoracomoeuescrevo.com](#) – Doutor em Direito pela UnB – entrevista Andreia Donadon Leal.

JN: Como você começa o seu dia? Você tem uma rotina matinal?

ADL: Pode parecer estranha minha resposta, mas começo meu dia, como se não tivesse amanhecido. O calendário não virou. Fecho as persianas do quarto. Tento escurecer, ao máximo, o recinto. Insisto em não começar o dia. Não tenho rotina estabelecida. Não acordo para checar mensagens eletrônicas, não leio fragmentos de crônicas ou poesias. Amanheço, geralmente, em desgosto ou insensível ao dia. A não ser em momentos de poesia. Parcas vezes, cumpro compromissos. Agendas e deadlines não fazem parte de minha vida. Escrevo quando me dá vontade.

JN: Em que hora do dia você sente que trabalha melhor? Você tem algum ritual de preparação para a escrita?

ADL: Não, não, não, esta frase “trabalha melhor”, me desatina! O único horário em que não faço absolutamente nada é pela manhã.

JN: Você escreve um pouco todos os dias ou em períodos concentrados? Você tem uma meta de escrita diária?

ADL: Não cumpro meta alguma. Fujo de metas, horários, períodos de concentração. A poesia, a crônica, enfim, a arte, vêm da forma mais natural, livre. Quem tem que cumprir meta são contratados, aqueles que escrevem para o mercado. Arte pra mim não é algo para se cumprir, negociar, vender...

JN: Como é o seu processo de escrita? Uma vez que você compilou notas suficientes, é difícil começar? Como você se move da pesquisa para a escrita?

ADL: Meu processo de escrita vem dos meus espantos, gostos, desgostos, aflições, encantamentos, aborrecimentos. Não uso fórmulas, fôrmas, pesquisas (a não ser em dissertações, artigos, ensaios, textos teóricos que odeio fazer!).

O texto artístico, quando chega a explodir, ele está pronto, finalizado, devidamente esculpido. É como se fosse um parto de curtíssima duração (uma, duas, três ou mais semanas) pulsando, mexendo, remexendo, até nascer.

JN: Como você lida com as travas da escrita, como a procrastinação, o medo de não corresponder às expectativas e a ansiedade de trabalhar em projetos longos?

ADL: Não trabalho com projetos longos. Se estou travada, não escrevo. Se não estou inspirada, vou escrever com qual intencionalidade? Obrigação? Em minha dissertação de mestrado tive que lidar com entaves, sofrimentos, procrastinações, etc. Mas me liberei, felizmente, do ter-que-fazer. Fiquei livre das amarras da academia, do pavor de que meus textos não correspondessem à “cartilha” dos imortais. Consegui, com muito trabalho e foco, separar o trabalho acadêmico da liberdade da produção literária. Cheguei a pensar, no final do curso, que deixaria de escrever poesias e crônicas. Fiquei um longo período sem produzir, mas a poesia ressurgiu, sem aviso prévio.

JN: Quantas vezes você revisa seus textos antes de sentir que eles estão prontos? Você mostra seus trabalhos para outras pessoas antes de publicá-los?

ADL: Inúmeras vezes, antes de enviá-los para jornais ou revistas, pois são os editores que leem meus trabalhos antes de publicá-los.

JN: Como é sua relação com a tecnologia? Você escreve seus primeiros rascunhos à mão ou no computador?

ADL: Sou pé no chão; nada de saudosismo. Faço bom uso da tecnologia. Escrevo meus rascunhos em agendas ou no computador. Sou da era digital, estou nas duas linhas!

JN: De onde vêm suas ideias? Há um conjunto de hábitos que você cultiva para se manter criativa?

ADL: Minhas ideias vêm de todos os lados. De minhas conversas, da flor que nasce no meio do asfalto, do nada, do tempestivo, do sofrimento alheio, de minhas experiências, do outro, dos livros que leio, das amizades, das mazelas da vida, das contrariedades, da inveja, da bruma, do cinzento, do colorido, enfim, de tudo que está ao meu redor. Tudo é soma de fragmentos. Para se manter criativa basta ter a 'porta' sempre aberta.

JN: O que você acha que mudou no seu processo de escrita ao longo dos anos? O que você diria a si mesma se pudesse voltar à escrita de seus primeiros textos?

ADL: Amadurecimento. O tempo não volta e não retrocede. Amadurecimento é essencial a todo escritor e artista! Ninguém nasce pronto. O tempo é

responsável em aparar arestas ou não. Se eu pudesse voltar à escrita dos meus primeiros textos eu diria: que suas ideias e letras continuem aí, da mesma forma que foram engendradas, afinal faz parte do processo criativo e da história evolutiva do autor.

JN: Que projeto você gostaria de fazer, mas ainda não começou? Que livro você gostaria de ler e ele ainda não existe?

ADL: Publicar os livros que estão prontos. Não tenho pretensão de começar outras obras... Tenho tanto livro que existe na minha estante para ser lido, que não tenho desejo de ler nenhum que ainda não existe.

** Entrevista publicada originalmente em 9 de agosto de 2019, no comoeuescrevo.com (@comoeuescrevo).
<https://comoeuescrevo.com/andreia-donadon-leal/>*

Aldrava Letras e Artes

